

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal*

Class.: 127

Data: 04.05.88

Pg.: 1

João Malato

4468
Tropelias de índios impunes

A frouxidão das autoridades, mesclada à cobertura irresponsável que a Funai prodigaliza aos grupos indígenas endinheirados que coabitam nas imediações das nossas cidades do Sul do Pará e do Xingu, — é a principal culpada pelas desordens e desatinos de que a sede do município de Redenção acaba de ser palco, em que uma grande população, calculada em 105 mil habitantes, ficou à mercê dos desvarios e da insolência de duas ou três dezenas de índios Kaiapós que vivem em plena ociosidade, numa vasta chácara, nos arredores daquela cidade, onde desfrutam de todos os confortos da civilização, inclusive automóveis do último tipo, geladeiras, fogões a gás, televisões, telefones, eletricidade própria, motores de popa e até tratores, muito embora não saibam o que fazer com eles.

Foi, aliás, por causa de uma "Brasília", reluzente de nova e de propriedade do cacique Kubey, que a cidade de Redenção escapou de ser incendiada na noite de terça-feira última, por iniciativa desse pequeno grupelho de índios. É que, nessa noite, o tal cacique entendeu de visitar um filho que está internado no hospital da cidade. E, como sempre, utilizou-se da sua luxuosa "Brasília", que deixou estacionada à porta do hospital. Um ladrão-gaiato achou, porém, que aquilo era muito luxo para um pretensioso selvagem — que nem sequer cidadão é, — e saiu para um passeio sem volta, no belo carro.

Quando Kubey retirou-se, deu por falta do carro, e logo entrou em furiosa exasperação. Mandou convocar os seus comandados, em número de 15 ou 20, e sem indagar qual o culpado pelo desaparecimento do veículo, deu início a uma tremenda depredação contra o pobre nosocômio, estilhaçando-lhe todas as vidraças e móveis que surgiam diante das suas bordunas. Prosseguindo em sua despolicida desordem, os superprotegidos da Funai ganharam as ruas, também vazias de policiamento, e todo automóvel que encontravam estacionado, caíam-lhe em cima, de borduna em riste, transformando-o em sucata.

Não satisfeito, o grupelho de vândalos, que o contribuinte sustenta a fios de ovos, encaminhou-se para a Rodovia Federal PA-287, que liga o nosso Estado ao Centro-Oeste brasileiro, e uma vez aí, executou o absurdo fechamento dessa autoestrada, em cujo leito foi amontoada uma galharia enorme de paus, além dos carros que lhes caíam nas mãos, e que eram usados como obstáculos, com a ameaça de serem incendiados.

Custa a acreditar que uma grande população, como é a de Redenção, tenha podido assistir a um menoscabo desse tamanho, sem o exemplar movimento de reação que a indiada insólita estava a merecer.

Mas, cumpre ressaltar que Redenção não foi a primeira cidade do sul paraense a ser perturbada e intranquilizada pelos índios Kaiapós que, a despeito de seu pequeno número, parecem trazer a insolência no sangue, alimentada em parte pela cobertura que recebem da Funai para todos os seus desatinos, e, também pela dinheirama que lhes chega às mãos, através dos "royalties" pela madeira e pelo ouro que saem de suas reservas, e que aplicam ociosamente, sem nenhum proveito para o seu próprio desenvolvimento cultural e artesanal. Já há algum tempo O LIBERAL divulgou uma série de fatos condenáveis que estariam ocorrendo na localidade de Ressaca, município de São Félix do Xingu, e de onde os Kaiapós, da tribo Kikretum, haviam expulsado doze famílias de colonos brancos, que lá estavam radicados há muitos anos, e que tiveram as suas casas incendiadas e as suas lavouras devastadas, além da perda de algumas toneladas de arroz, que estavam recolhidas aos paióis. O prefeito de São Félix agasalhou as 12 famílias no próprio edifício da Prefeitura, onde até comida e roupa teve que dar-lhes, pelo estado de absoluta miséria em que ficaram.

O presidente do sindicato dos lavradores de São Félix de Xingu, Euclides Alves da Silva, falou a O LIBERAL e narrou coisas atrozadas praticadas pelos índios, que reivindicam terras que não estão em sua reserva, mas cuja posse pretendem, indevidamente. Mesmo com os moradores da cidade de São Félix, os índios criam problemas frequentes, um dos quais é tentar impedir que esses cidadãos naveguem pelo leito do rio Fresco, no trecho em que este banha as terras da maloca. Logo que avistam alguma embarcação, os índios utilizam as suas quatro "voadeiras", movidas a motores de popa, e passam a fazer abordagens, para confiscar e roubar tudo o que os viajantes conduzem, sem que os mesmos possam reagir, porque cada um dos assaltantes conduz, nas mãos, uma pesada espingarda de fogo central e de dois canos.

O pior de tudo, diz o sr. Euclides Silva, são as "visitas" domingueiras da indiada à cidade de São Félix, onde emborracha-se para valer, e quando o estoque de cachaça do comércio está esgotado, eles exigem outra bebida qualquer, mesmo de alto preço. Quando não atendidos, viram a mesa e quebram tudo. E quem se meter, leva bala, e, para que ninguém se iluda do seu poder de fogo, os tutelados da Funai dão início a tiroteios medonhos, que obrigam as famílias locais a fechar as portas e a rezar para que Deus afaste para longe a horrida sinistra.

E é assim que se vive, na vizinhança desses "anjinhos", que são considerados inimputáveis e não podem responder por crime nenhum...